

O PORTUNHOL/PORTUÑOL NA POESIA DE FABIÁN SEVERO

Cristiana CRINÒ⁸¹

RESUMO

A presença do dialeto ou da língua *Portunhol/Portuñol* dentro de um Estado-Nação territorialmente pouco extenso como o de Uruguai, revelou-se, com o passar do tempo, um sério problema político. O uso desta língua minoritária – surgida pelo intenso contato entre o português falado no Rio Grande do Sul e o espanhol do Uruguai – relaciona-se à ideia de “deficit linguístico”, convicção que se tornou comum entre os falantes monolíngues do território da fronteira Uruguai/Brasil. Na realidade, o *Portunhol/Portuñol* identifica-se como uma variedade linguística singular, impregnada de história, temas e “sabores” fronteiriços. A nossa atenção, de entre os escritores que usam o *Portunhol/Portuñol*, recai no poeta uruguaiano Fabián Severo, autor de dois livros de poemas – *Noite Nu Norte/Noche En El Norte, Poesía de la Frontera* (2011) e *Viento de Nadie* (2013), – publicados no Uruguai.

PALAVRAS-CHAVE: *Portunhol/Portuñol*; Fronteira Brasil/Uruguai; Literatura Fronteiriça; Línguas de contato; Fabián Severo.

I. Música e literatura de fronteira

A presença da língua portuguesa no Uruguai resulta de um longo processo de ocupação territorial e linguística por parte dos luso-brasileiros na época da colonização. A ocupação das zonas fronteiriças do Uruguai obedecia, de fato, às intenções expansionistas da Coroa Portuguesa em meados do século XVIII, anos nos quais os soberanos da Península Ibérica decidiram instalar ao longo da fronteira Brasil-Uruguai numerosas guarnições militares e distribuir porções de terra aos portugueses, assim como aos brasileiros, para garantir o predomínio comercial nas águas do bacia do Plata.

Em seguida, o Império Espanhol, apercebendo-se da ameaça de Portugal e da possibilidade de perder os territórios conquistados no Novo Mondo, obrigou-o a sancionar o Tratado de São Ildefonso, em 1777. Este, decretou a formação de uma zona

81 Università degli Studi di Perugia (UNIPG), Dipartimento di Lettere – Lingue, Letterature e Civiltà Antiche e Moderne, Piazza Morlacchi, 11, 06123, Perugia, Itália, cristi.89@live.it.

neutral, denominada “Campos Neutrais”, constituída por grandes espaços vazios da região oriental os quais, imediatamente, foram sendo invadidos por ambas as populações, favorecendo o contrabando e as atividades ilícitas (Rizzon, 2013: 2-3). Deste modo, muitos brasileiros, atraídos pela riqueza das terras orientais e pela abundância de gado nativo ali existente, estabeleceram-se definitivamente no interior do Uruguai, em quase trezentos quilômetros de extensão.

A fronteira, então, pode considerar-se como uma ficção, já que se refere unicamente ao termo utilizado para definir as linhas abstratas que separam os territórios dos dois Estados (De Souza; De Carvalho, 2010: 11). Uma realidade histórica, geográfica e política tão complexa como as da fronteira brasileiro-uruguaia, leva inevitavelmente ao surgimento de novas combinações sociais, culturais, étnicas e linguísticas:

Fronteira móvel, limites disputados com a ferro. Guerras e contendas. Mas também trânsito de gentes, de mercadorias, diálogo entre culturas. Choque e permeabilidade, sobrepondo-se, intercalando-se, entrelaçando-se. A ponto de produzir uma cultura singular, um modo de vida, com seus sabores, costumes e dizeres (Gonçalves, 2013: 2).

Nessas regiões, é presente a ideia de que fronteiras e sujeitos assumem significado ao moverem-se entre uma língua e outra (Sturza, 2006: 73) criando um espaço de contato intenso entre a língua portuguesa do Brasil e a espanhola rioplatense, o qual, com o passar do tempo, originou o “*dialecto fronterizo*”, ou seja um dialeto misto de base portuguesa com numerosas influências da língua castelhana.

Representando uma ameaça de “corrução” da língua espanhola (Behares, 2011: 95) a presença massiva do português, ou ainda melhor, dos *Diale(c)tos Portugueses do(del) Uruguai* (Dpus) (Carvalho, 2003: 128) praticados no norte do Uruguai foi tratada, desde a implantação do idioma castelhano como língua oficial do Estado, qual fosse um problema para extirpar. O interessante é que para o Uruguai o português tem sido língua hegemônica antes do processo de escolarização, enquanto o espanhol era língua minoritária.

O cruzamento das duas línguas deu-se pela necessidade de um contato social imediato, processo pelo qual, durante os séculos, se afectaram o léxico e as estruturas internas da gramática das línguas (Sturza, 2004: 152).

O termo *Portunhol/Portuñol*, designação por nós escolhida para a realização deste estudo é, de fato, um termo que se usa comumente para referir-se ao “mal falar”

de uma das duas línguas que constitui a língua mista. Esse conceito remete para ao processo de aquisição do idioma castelhano por parte dos falantes lusófonos (Mota, 2014: 19), uma situação intermediária, conhecida como “interlíngua”, na qual os estudantes misturam as línguas a nível gramatical, comportando transformações no discurso proferido pelo sujeito enunciador. Porém, o *Portunhol/Portuñol* define também o fenómeno linguístico de contato que se origina na fronteira Brasil-Uruguai e que, no caso uruguaio, representa uma prática linguística instituída, uma espécie de terceira língua, utilizada – antigamente, como agora – em todos os âmbitos artísticos, sobretudo na música e na literatura. Escritores, intelectuais, músicos e poetas de fronteira misturam temas, sentimentos e “sabores” tanto brasileiros quanto uruguaio para expressar e descrever uma realidade sociolinguística absolutamente “entreverada”.

Entre os compositores oriundos da fronteira mais conhecidos citamos o riograndense Martím César, representante do grupo poético-musical Caminhos de Si⁸² e o uruguaiano “doble-chapa”⁸³ de Rivera/Sant’Ana do Livramento Chito de Mello, que conseguiu, através das suas canções, sintetizar perfeitamente a “lógica gramatical” que governa esta mistura entre o português brasileiro e o espanhol do Uruguai.⁸⁴ Protagonista do filme-documental *A Linha Imaginária*,⁸⁵ junto ao Chito de Mello, o escritor Aldyr Garcia Schlee (de Jaguarão/Río Branco) e o poeta uruguaiano Fabián Severo, o jovem compositor artiguense Ernesto Díaz (Artigas, 1973) é um dos principais difusores do *Portunhol/Portuñol* uruguaio-brasileiro.⁸⁶

Em 2014 publica o seu primeiro disco como solista, *Cualquier Uno*, que inclui vários géneros musicais como o candombe, a bossa nova, a música popular e

82 Martím César em 2010 foi nomeado aos prémios Açorianos como melhor autor de letras musicais do Rio Grande do Sul. Escreveu também cinco livros de poesia e contos: *Poemas ameríndios*, *Poemas do baú do tempo*, *Sob a luz de velas* e *Dez sonetos delirantes* e *Um Quixote sem cavalo* (<http://www.martimcesar.com.br/apresenta.htm>).

83 Dito de «aquel individuo que es legalmente uruguayo y brasileño y que convive dentro de su propio hogar con el bilingüismo, hablando muchas veces con su padre en un idioma y con su madre en el otro, convirtiéndose así en un ciudadano naturalmente bilingüe» (RETAMAR; RISSO, 2011: 96).

84 Chito de Mello lançou vários discos que tiveram muito sucesso na fronteira, como “Rompidioma”, “Pa’ toda la Bagacera”, “Deja pa’ mí que soy cañoto”, “Soy del bagazo nomás”, “Vein para cá que tinsinemo”, “Nauncunfunda” e “Kukumbunda” (<http://zh.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2014/09/artistas-usam-portunhol-da-fronteira-brasil-uruguai-para-criar-obras-liricas-e-singulares-4591649.html>).

85 Realizado em 2014 pelos brasileiros, de Pelotas, Cíntia Langie e Rafael Andrezza, (<http://zh.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2014/09/artistas-usam-portunhol-da-fronteira-brasil-uruguai-para-criar-obras-liricas-e-singulares-4591649.html>).

86 Ernesto Díaz faz parte do quarteto Tercera Fundación (junto a Carlos Giráldez, Lucía Gatti e Sara Genta) desde 2007 e do Yair Trío (junto a Yair Flores e Ney Peraza) desde 2002. É também um dos músicos da banda de Fernando Ulivi desde 2003 e junto a Carlos Giráldez e Sara Genta toca no grupo Trifulca desde 2004 (<http://cualquieruno.blogspot.it/>).

folclorística e canções em dialeto fronteiriço, língua que utiliza com naturalidade e sem particulares artificios, «de uma maneira incosciente», ele diz.⁸⁷ Participou na realização do livro *Na fronteira nós fizemo assim* (Universidad de la República, Grupo Montevideo, Librería de la Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, 2004), escrito por Gerardo Holzmann e Luis Ernesto Behares, com o qual escreveu também o livro *Os som de nossa terra* (Unesco, Universidad de la República, Grupo Montevideo, Montevideo, 1998). Atualmente, Ernesto colabora com o amigo e poeta Fabián Severo na organização de conferências, saraus musicais e recitais em *Portunhol/Portuñol* nas várias cidades do Uruguai e do Brasil, com a intenção de fazer conhecer aos jovens a música e a poesia da fronteira.

São muitos os nomes dos autores que tratam ou trataram o tema da fronteira. Decidimos lembrar a obra de dois escritores que, entre os tantos, conseguiram transpor o dialeto fronteiriço nas próprias páginas literárias, produzindo uma linguagem narrativa absolutamente nova e original. O primeiro é o brasileiro Aldyr Garcia Schlee,⁸⁸ grandíssimo intelectual contemporâneo, conhecido sobretudo como contista. Quase todos os seus livros apresentam personagens que têm dificuldades em se exprimir através de uma única língua, mas é provavelmente no mais recente *Linha divisória* (1998) que o narrador “contamina” a língua portuguesa com elementos linguísticos do idioma espanhol. O uruguaiano de Rivera/Sant’Ana do Livramento, Saúl Ibargoyen, foi um escritor da fronteira. A sua inspiração narrativa nasceu da observação da área rural entre o Brasil e o Uruguai, terra onde duas ou mais culturas e línguas lhe permitiram criar o seu micro-universo literário, “Rivramento” (Grillo, 1994: 22), assim como palavras que fundiam português e espanhol: “berso”, “diñero”, “fariña”, “paisiño” ou “filio” (García, 2006: 562).

O aparecimento do “verdadeiro” *Portunhol/Portuñol* na literatura deu-se em 1992, quando o escritor brasileiro Wilson Bueno publicou o conto *Mar Paraguayo*. A leitura deste texto permite-nos perceber que não existe uma única versão escrita do *Portunhol/Portuñol*, porque, de facto, os autores fronteiriços utilizam-no segundo o resultado poético que pretendem realizar nas obras literárias (Bueno, 1992).

87 Em <http://www.lr21.com.uy/cultura/1216184-ernesto-diaz-fabian-severo-musica-poesia-artigas-frontera>.

88 Foi professor de Universidade, jornalista, redator e gráfico do jornal *Última Hora*. Fundador da *Gazeta Pelotense* e da Faculdade de Jornalismo da Universidade Católica de Pelotas, venceu o prémio Esso de Reportagem em 1963. Durante a ditadura militar do Brasil, foi expulso da Faculdade e preso. Sendo desenhador de profissão, inventou também a camiseta da Seleção brasileira de futebol, conhecida como “camiseta canarinho”. Recebeu o prémio Bienal Nestlé de Literatura Brasileira por duas vezes e o prémio Açorianos de Literatura por cinco vezes (<http://wp.ufpel.edu.br/congressoextensao/premios/>).

É esse o caso do poeta artiguense Fabián Severo, o qual, na sua poesia, emprega a transcrição ortográfica que mais lhe agrada, às vezes mais ligada ao sistema linguístico espanhol, outras mais relacionada com a língua portuguesa, da qual tenta reproduzir a fonética. Ao conhecer duas línguas, o escritor torna-se num “criador de palavras”, já que os seus textos apresentam unidades lexicais misturadas que não existem no repertório linguístico do português, nem do espanhol (Cardoso, 2010: 218). Trata-se de uma poesia fronteira «no fundo e na forma», a qual apresenta temas, personagens e cenários fronteiros que adquirem significado só se escritos e descritos em *Portunhol/Portuñol*.

I.1. Fabián Severo

Fabián Severo nasceu em 1981 em Artigas, pequena cidade fronteira do norte do Uruguai. Antes de se tornar professor de literatura, estudou Língua e Literatura ao CERP (*Centro Regional de Profesores del Norte*) de Rivera.

Em 2004 mudou-se para Montevideo, capital do Uruguai, onde atualmente vive com a sua família para trabalhar como docente. Em colaboração com os seus alunos publicou os livros de poemas *Fruto del desierto* (Rumbo, 2008), *Huellas de viento en la arena* (Rumbo, 2009) e *Los Soles de la Tormenta* (Rumbo, 2010), escritos pelos estudantes e declarados de interesse educativo pelo Ministério da Educação e da Cultura do Uruguai. Desde 2010 se ocupa da coordenação do projeto *Taller de Escritura* da Asociación General de Autores del Uruguay (AGADU) e é também assistente universitário na Faculdade de Letras no ProArte del Consejo Directivo Central da Administración Nacional de Educación Pública (ANEP).

Neste ano venceu o Prémio Morosoli de bronze na categoria “Poesia” e, a partir deste momento, começou a publicar vários volumes de poemas, como *Labriegos del papel II* (Rumbo, 2005), *Las voces del mundo III* (Centro Hispanoamericano de Artes y Letras, 2007), *La fantástica casa de las palabras errantes* (Rumbo, 2008) e *Príncipes del Talión. Muestra de escritores uruguayos* (2009). Em 2005 conheceu em Montevideo o músico artiguense Ernesto Díaz, com o qual travou desde logo uma profunda amizade. Os dois, sendo animados da paixão pela música e a literatura, decidiram reunir-se com outros artistas uruguaios e brasileiros da fronteira para organizar belíssimos

espetáculos poético-musicais no Uruguai, como no Brasil, para divulgar a arte e a cultura fronteiriça em *Portunhol/Portuñol*. Em 2011 participou na Delegação Artística durante as “Jornadas de la Cultura Uruguaya en Cuba” e, o ano seguinte, foi convidado como poeta na Feira Internacional do Livro de Cuba. Por ocasião do *Encuentro de Jóvenes Escritores de América Latina y el Caribe* em La Habana, o poeta aproveitou para partilhar com o público e os outros jovens escritores latino-americanos o pensamento literário que atravessa o seu universo poético, de modo que eles refletissem não só sobre a realidade geográfica, socio-histórica e linguística da sua terra natal, mas também acerca da função do poeta hoje em dia.

É no discurso de inauguração do *Encuentro* que o poeta Fabián Severo consegue definir ou, podemos dizer, interpretar magnificamente a sua Poesia e a língua com a qual escreve:

Un día, quise escribir poemas sobre ciertos recuerdos, pero no encontraba el sonido de mi calle. Los versos se partían como un trozo de tierra reseca, las palabras quedaban lejos de la lluvia que mojaba aquellos días. Entonces descubrí, que debería intentar recrear el sonido de la máquina de coser de mi madre o la sonrisa con que el Caio me invitaba a remontar cometa. Y allí surgió eso parecido al portuñol, palabras torcidas que traían el olor a humedad de la pared de mi cuarto. Del idioma materno son las palabras del afecto, de la ternura, de las emociones, de la pasión. No puedo recrear ni expresar mi pasado sin ellas. Desde que escribí Noite nu Norte, un libro de poemas en portuñol, he pasado por muchos interrogatorios que casi siempre comenzaban con la misma pregunta: ¿Por qué escribiste en portuñol? No se por qué escribo en portuñol. A veces estoy mirando el cielo a esa hora en que se vuelve confuso de color y siento angustia de no saber quién soy. Entonces, tomo un lápiz y voy dibujando en la hoja esas imágenes que vi vivir o alguien me contó que vivió, que viví o soñé, porque uno también tiene derecho a soñar aunque no tenga con qué. Las imágenes surgen como cuando era niño y calcaba figuras, yo solo las rescato de la memoria afectiva que las registró en la lengua que me cuidó con amor. Ojalá pudiera explicarle a la gente, que a veces, cuando estoy recordando aquella tristeza que había en mi tierra, las palabras van saliendo una arriba de otra, todas entreveradas, palabras torcidas. Hay días en que intento enderezarlas, pero no puedo, ellas empiezan a perder su música, su sabor. Las palabras enderezadas son hueso sin carne, muriendo en mis cuadernos. Pero otras veces, las dejo así, todas torcidas, y entonces regreso a mis diez años y ando descalzo por la calle, corriendo con la Gabriela o ayudando a la María a arrancar naranja. Las pocas veces que me pasa eso, me siento menos triste, me olvido que afuera el

*mundo es tardecita. Por unos segundos, vuelvo a tener los sueños que caminaban en el medio de las piedras sin saber que las palabras tenían dueño, cuando creía que el mundo era todo mío*⁸⁹

Em 2014 publicou o livro *NósOutros* (Rumbo Editorial), uma coletânea de poemas que inclui também um CD-ROM onde o leitor pode ouvir os poemas recitados pelo poeta. Interessantíssimos são os livros escritos em *Portunhol/Portuñol Noite Nu Norte. Noche En El Norte. Poesía de la frontera* (Rumbo Editorial, Montevideo, 2011) e *Viento de Nadie* (Rumbo Editorial, Montevideo, 2013), publicados no Uruguai. O estar longe da terra natal transportou o poeta numa atmosfera de profunda saudade. Fabián Severo começa a sentir a falta de Artigas, das pessoas queridas, também das ruas, dos sons e dos aromas com os quais cresceu e este sentimento torna-o inquieto, até quando se apercebe da «necessidade física e sentimental» – como ele diz – de contar a sua “história” da fronteira escrevendo em *Portunhol/Portuñol*. Ele afronta temáticas e apresenta ao leitor personagens tipicamente fronteiriços que, de qualquer maneira, obrigam a utilizar ou a re-criar uma língua capaz de evocar uma realidade geográfica, histórica e socio-linguística diferente da realidade que poderia representar o idioma castelhano:

*O portunhol é a minha verdadeira língua materna. É aquela que eu escutava quando estava no ventre da minha mãe e aquela que aprendi a falar nos primeiros anos de vida, antes da alfabetização formal. Quanto estou sentimental, uso o portunhol. É o idioma mais urgente, o dos meus afetos.*⁹⁰

Ao utilizar uma modalidade dialetal não normatizada, Severo leva a cabo um verdadeiro ato de coragem (PEYROU, 2011: 164) e perturba aqueles modelos estéticos-estilísticos, culturais e sociais que caracterizam a civilização e a literatura do Uruguai.

O antigo mito do “País homogéneo” contribuiu, de facto, para negar a existência da cultura fronteiriça, considerada por muitas pessoas bárbara e antimoderna e, por isso, recusar o dialeto falado na fronteira⁹¹ (IDEM: 66). Nessa perspectiva, as publicações dos dois livros em *Portunhol/Portuñol* poderiam-se considerar uma tentativa por parte do poeta de fugir da limitação mental presente na sociedade urbana do Uruguai e daquelas lógicas vinculantes do consumo e do mercado editorial atuais.

89 *Poesía de Frontera. Qué palabra es de dónde en la geografía de la Poesía, Encuentro de Jóvenes Escritores de América Latina y el Caribe* – Feira Internacional do Livro de Cuba (La Habana, 14 de fevereiro de 2012) em <http://fabiansevero.blogspot.it/search/label/Ponencias>.

90 Entrevista disponível à página <http://zh.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2014/09/artistas-usam-portunhol-da-fronteira-brasil-uruguai-para-criar-obras-liricas-e-singulares-4591649.html>.

91 As políticas repressivas do governo uruguaiano atuadas durante a ditadura militar tinham proibido o uso do *Portunhol/Portuñol* nas escolas e nos lugares públicos, ignorando a educação nas zonas do nordeste do Estado (BROVETTO, 2010: 26).

Ele mesmo afirma numa entrevista “porque lo que a vos te impone el sistema educativo es que el portuñol no es uruguayo; es habla de pobre, malo e incorrecto”.⁹²

A decisão de utilizar uma língua minoritária como o dialeto fronteiriço uruguaio-brasileiro e a vontade de tratar temáticas ligadas à história desta fronteira, através da inclusão de protagonistas fronteiriços, levam o poeta a amadurecer algumas reflexões, em particular em *Noite Nu Norte*, sobre a língua que ele mesmo fala: “A veces parece que lo que le otorga la categoría de idioma a un dialecto es la escritura. En el portuñol no existe una gramática, un diccionario, hay que innovar, improvisar”.⁹³

Fabián Severo sabe muito bem que a sua linguagem, corresponde a uma variedade linguística que não possui uma gramática, nem dicionários ou codificações ortográficas, tanto é verdade que para ele, o português do Uruguai, ou *Portunhol/Portuñol*, pode ser classificado quer dialeto, quer língua; já que, como uma qualquer outra língua nacional, para se manter vivo necessita de contínuas inovações e surpreendentes improvisações.

Ao final, trata-se de uma língua “sem dono”, como escreve no poema *Nove de Noite Nu Norte*: “Artigas teim una lingua sin dueño”. Neste verso se pode ver a típica mistura das línguas que caracteriza a poesia de Severo: há elementos linguísticos típicos do espanhol (por exemplo a preposição “sin” ou o substantivo “dueño”) e outros do idioma português (como o verbo auxiliar “tem”, o artigo indeterminativo “uma” e o substantivo “língua”).

Noite Nu Norte explicita, portanto, aquela que podemos definir a problemática da “re-elaboração” escrita do *Portunhol/Portuñol*:

Des

Miña lingua le saca la lengua al disionario

baila um pagode ensima dus mapa

i fas com a túnica i a moña uma cometa

pra voar, livre i solta pelu seu (Severo, 2011: 28).

Para o linguista Luis Ernesto Behares, ao escrever na sua língua materna, o poeta ativa uma espécie de “luta contra a palavra”, isto é, contra aquela língua que o identifica, mas, ao mesmo tempo, o torna diferente dos outros uruguaianos.

No poema *Des* podemos notar a presença dos termos “túnica” e “moña”, os quais, no Uruguai, simbolizam a escola. Porém, Severo decide inserir as duas palavras

92 Entrevista ao poeta Fabián Severo e ao músico Ernesto Díaz <http://ladiaria.com.uy/articulo/2014/7/gauchos-da-fronteira/>.

93 Entrevista a Fabián Severo em <http://fabiansevero.blogspot.it/search/label/Entrevistas>.

espanholas para transformar o significado original e indicar que na fronteira a “túnica” e a “moña” representam a imposição do espanhol, idioma que os fronteiriços do Uruguai-Brasil não conheciam antes da criação da República Oriental do Uruguai (BEHARES, 2011: 99). Então, a língua materna volta a aparecer na memória do poeta para reconstruir as lembranças da sua infância passada numa pequena cidade de fronteira, tornando-se, como afirma Ernesto Díaz, «la lengua más urgente, la del dolor, del amor y del placer, de todo lo más emergente, urgente».⁹⁴ O *Portunhol/Portuñol* permite-lhe encher aquele sentido de vazio causado por algumas faltas afetivas – por exemplo a de sua mãe – e contar da sua vida passada em Artigas, uma «terra perdida no Norte», que nem aparece nos mapas:

Onse

*Artigas e uma terra pirdida nu Norte
qui noum sai nus mapa (Idem: 29).*

A Poesia de Fabián Severo constitui-se, portanto, de palavras, expressões, sons e ritmos de uma língua que ele «escutava quando ainda estava dentro do ventre da sua mãe e que aprendeu a falar durante os seus primeiros anos de vida, antes de começar a frequentar a escola»:

O portunhol é a minha verdadeira língua materna. É aquela que eu escutava quando estava no ventre da minha mãe e aquela que aprendi a falar nos primeiros anos de vida, antes da alfabetização formal. Quando estou sentimental, uso o portunhol. É o idioma mais urgente, o dos meus afetos.⁹⁵

Cada verso seu parece ser ditado pela lógica gramatical que responde às regras de uma língua que só existe na fronteira e que, no caso de Severo, podemos definir “língua da lembrança”:

*Asvés
toi lembrando la tristeza
que había en mi tierra
y las palabra van saliendo
una arriba de otra
intreveradas [...]*

As páginas do seu caderno começam a preencher-se quando as lembranças da tristeza que a gente sofria na mesma terra onde ele nasceu e cresceu chega a doer-lhe

94 Entrevista a Ernesto Díaz em <http://zh.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2014/09/artistas-usam-portunhol-da-fronteira-brasil-uruguai-para-criar-obras-liricas-e-singulares-4591649.html>.

95 Entrevista a Fabián Severo em <http://zh.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2014/09/artistas-usam-portunhol-da-fronteira-brasil-uruguai-para-criar-obras-liricas-e-singulares-4591649.html>.

no coração e, é só neste momento, que o poeta se dá conta de pensar e escrever palavras misturadas, “entreveradas”:

*Hay días
que intento inderesar ellas
mas no puedo
impesan a perder el olor
a quedar seim vida
puro oso sin carne
morrendo en mis cuaderno.
Mas otras vez
yo las dejo asím
tortas
y intonce
volto a tener diez año
y ando descalzo na calle
correndo con la Gabriela
ayudando la María arrancar laranya
y me sinto menos triste [...]*

São estes versos “tortos”, estas “palabras sin dueño” que lhe permitem fugir da tristeza de cada dia e que o transportam outra vez no passado, quando ainda tinha dez anos, correndo descalço com os companheiros pelas ruas de Artigas:

*Misqueso que afuera el mundo es de tardisiña
Vuelvo a tener los sueño que tenía
cuando caminaba nu meio das pedra
sin saber que las palabras tenían dueño
y el mundo era todo mío.⁹⁶*

A originalidade da poesia de Fabián Severo, para nós, consiste, portanto, na intuição de uma dupla dimensão do *Portunhol/Portuñol*: aquela musical, que confere aos poemas um tom absolutamente singular, muito similar à linguagem oral dos fronteiriços; e a sua capacidade de condensar as imagens do passado em magníficos versos poéticos, curtos, simples, mas muito profundos.

Trinticuatro

*Mi madre falava mui bien, yo intendía.
Fabi andá faser los deber, yo fasía.
Fabi traseme meio litro de leite, yo trasía.
Desí pra doña Cora que amañá le pago, yo disía.
Deya iso gurí i yo deiyava.*

96 *Palabra Torta*, poema de Fabián Severo (<http://fabiansevero.blogspot.it/>).

*Mas mi maestra no intendía.
Mandava cartas en mi caderno
todo con rojo (iguaisito su cara) i asinava imbaiyo.*

*Mas mi madre no intendía.
Le iso pra mim ijo i yo leía.*

*Mas mi madre no intendía.
Qué fiseste meu fio, te dise que te portaras bien
i yo me portava.*

*A istoria se repitió por muintos mes.
Mi maestra iscrevía mas mi madre no intendía.
Mi maestra iscrevía mas mi madre no intendía.*

*Intonses serto día mi madre intendió i dise:
Meu fio, tu terás que deiyá la iscuela
i yo deiyé (Severo, 2011: 58).*

A ideia deste poema, contido em *Noite Nu Norte*, surgiu, por exemplo, logo depois de um encontro entre ele, a sua tia e o primo que, um dia, voltava da escola falando em espanhol. O poeta conta durante uma entrevista:⁹⁷

«mi primo volviendo de la escuela, con la túnica y la moña. Cuando él saluda, mi tía le pregunta: ¿Por qué você está falando así? Y él le responde que la maestra le había dicho que debía hablar de esa forma, que a partir de ahora ella le iba a enseñar. “Pero tú no tein que falar como tua maestra, tú tein que falar como eu, que soy tua mãe”. En ese momento, ella se da vuelta y me dice: “Fabi, vos que estudiaste, decí pra él que tiene que hablar como yo, que soy su madre”. En ese momento, me fui rápido de la clase y mientras llegaba a mi casa escribía el poema mentalmente. [...] Y me di cuenta de que ahí había algo que sólo podía decir en portuñol».

Quando a tia continuava a dizer ao filho que falasse como ela e não como a professora, Fabián Severo percebeu que a sua poesia tinha necessariamente ser escrita em *Portunhol/Portuñol*, a sua língua mãe. A contraposição das duas mulheres – a mãe e a professora – não é casual, mas representa no poema o eterno “conflito” entre a língua materna e a língua oficial do Uruguai, o espanhol.⁹⁸

97 Entrevista a Fabián Severo em <http://ladiaria.com.uy/articulo/2014/7/gauchos-da-fronteira/>.

98 *La poesía de Fabián Severo*, artigo de Uruguay Cortazzo (Universidade Federal de Pelotas) publicado em <http://fabiansevero.blogspot.it/search/label/Artículos>.

A sua intenção não é a de efetuar uma tradução ou uma transcrição do dialeto fronteiriço falado no norte do Uruguai; ele atua – como afirma Luis Behares – uma transliteração. Isto significa que o *Portunhol/Portuñol* tornar-se-á nova matéria que espera para ser modelada e plasmada pelo poeta, único criador da harmonia musical e rítmica dos seus poemas.

Transliterar es de otro orden, ciertamente paradójal: se apoya en la letra o en el texto para hacer del habla un otro totalmente otro, pero sin embargo no puede dejar de responder al mismo que lo origina. Tarea difícil que el verdadero hablante acaba haciendo con su lengua materna sin notarlo, a pesar de la enorme dificultad, y que para el que intenta transliterar una lengua extranjera aunque conocida es una tarea agobiante y angustiante (Behares, 2011: 97).

Significativos os últimos três versos de *Trinticuatro* que contam o abandono de Fabián criança da escola: metáfora perfeita da lealdade que o poeta quer manter pela sua língua de origem.

É no poema *Tresi* que o leitor pode ler a declaração da fidelidade à comunidade linguística de pertença e à identidade cultural e social fronteiriça:

Tresi

Antes,

eu quiería ser uruguayo

agora

quiero ser aquí (Severo, 2011: 31).

Delinea-se, portanto, um importante argumento da lírica de Severo: o da identidade, ligado ao conceito de fronteira, temas que o preocupam, mas ao mesmo tempo, o apaixonam.⁹⁹ A propósito da questão da fronteira, resulta significativa a resposta que ele nos deu à nossa entrevista:

Yo no sé qué es la frontera. Tal vez, la frontera sea varios lugares; una forma de mirar; un lugar donde los mapas se pegan o se despegan; un estuario, donde el agua dulce del río se mezcla con el agua salada del mar, allí crecen especies que no crecen en otros lugares, los fronterizos somos esas especies. Tal vez la frontera no sea. Nosotros, los “frontera”, vemos que los conceptos se desarman, que lo que algunos llaman “patria”, “país”, “nación”, “idioma”, “cultura”, no significa lo mismo para nosotros. Como dice el poeta. “si me preguntan ¿qué es mi patria?, diré no sé”.

99 *Las fronteras de la palabra. Fabián Severo, el poeta uruguayo que escribe en portuñol*, em «El Observador» do 21/09/2012 (<http://www.elobservador.com.uy/noticia/260632/las-fronteras-de-la-palabra/>).

*Los “frontera” somos de acá y de allá. A veces, no sabemos de dónde somos. Comemos arroz de Brasil con carne uruguaya, y nuestros platos son una mezcla. Bailamos, amamos, hablamos, sentimos fronterizamente. Quisiera que mi poesía fuera fronteriza, en el fondo y en la forma, que mi versión escrita del portuñol solo adquiriera validez porque escribo sobre temas fronterizos, con personajes y escenarios, ritmos y tonos fronterizos. No quisiera que mi poesía llamara la atención solo por la forma como fue escrita, quisiera que esa forma fuera la adecuada para comunicar. La Literatura es una forma de comunicarnos.*¹⁰⁰

A fronteira norte de Artigas/Quaraí, afirma Fabián Severo, não corresponde a uma pátria, uma nação, um idioma ou uma cultura. Esta apresenta-se como uma espécie de entrada numa dimensão espaço-temporal mitológica, um lugar de infinitas possibilidades, um espaço sem limites e fronteiras, onde a diversidade com “o outro” se anula completamente («comemos arroz de Brasil con carne uruguaya») destruindo aquela identidade imposta pela política dos governos nacionais.

A fronteira cria uma nova identidade, a dos «los “frontera”», “Los Se Ninguéim”, como recita o poema *Treis*:

*Noum sei como será nas terra sivilisada
mas ein Artigas
viven los que tienen apeyido.
Los Se Ninguéim
como eu
semo da frontera
neim daquí neim dali
no es noso u suelo que pisamo
neim a lingua que falemo* (SEVERO, 2011: 21).

O poeta põe o seu leitor dentro de uma realidade angustiante, imóvel, estática, sobretudo em *Viento de Nadie: Este pueblo e uma siesta nu meio das pedra [...]; Nada cambió pur aquí/ Desde que sinventó el ombre/ las caye siguen intrando nas casa [...]*¹⁰¹ dentro de um limbo diria o escritor uruguaiano Javier Etchemendi (Etchemendi, 2011: 13).

*I
Queim noum cuñese a frontera
no sabe lo ques la soledá* (Severo, 2013: 15).

100 Nossa entrevista com o autor, do 27 março 2015.

101 Os versos citados correspondem aos poemas 5 (p.19) e 7 (p.21) do livro *Viento de Nadie* (2013).

A solidão e a tristeza são os sentimentos predominantes na poesia de Fabián Severo, porém, apesar da vida amarga e difícil que ele passou na sua infância (*Eu vi tristeza nus plato/ fome nus ojo/ soledá en las boca [...]*) (IDEM: 44), o sofrimento ajudou-o a tomar o seu caminho e compreender melhor não só a si mesmo, mas também os outros.

O facto de ter passado a sua primeira fase da vida num bairro de fronteira humilde, onde imperavam a fome e a pobreza, permitiu-lhe enfrentar as dificuldades quotidianas com a justa dose de ironia:

Trintiuno

*A mim me gustava los cumpleaños
aunque casi nunca podía i.
Asvés no tiña ropa, asvés no tenía regalo.*

*Cuando nos podía comprá regalo
nos comprava bombacha, calsonsiyo o meia.
Si el cumpleaños era de niña
i nos noum tiña diñeiro
nos agarrava alguna joya de las madre.
Una vuelta pasó algo mui ingrasado.
El Caio avía yevado una bombaya
de regalo pra Gabriela
i cuando nos istava jugando la escondida
el se emburró porque avían feito trampa
intonses entró nu cuarto
i sacó de ensima da cama
donde istavan todos los regalo
la primera bombacha que encontró
i se foi.*

*Si pudíamo ir
nos aproveitava pra cumé.
A mi me gustava los posiyos con ensalada rusa
i los ságuche
mas iso sempre era lo que menos avía
lo que mas avía era gayetita salada con maionese
i un pedaso de morrón insima.*

*Nos nunca iva
mas cuando podía*

era uma festa (SEVERO, 2011: 52-53).

Além disso, Fabián Severo demonstra uma grandíssima sensibilidade poética para tratar o tema da natureza, em particular, a água, elemento que, ao mesmo tempo, pode gerar e destruir a vida.

Em *Viento de Nadie* há uma constante contraposição entre “duas águas”: a salgada do “mar” e a doce do “rio”, metáfora que nos faz pensar na diversidade que existe entre os uruguaianos do sul, ou da capital, e os fronteiriços do norte do Uruguai.

O poeta explicou-nos esta oposição na nossa entrevista:

*En la frontera de Viento de Nadie no está el mar, está el río, el arroyo, el río que se va a morir en el mar, donde viven los barcos, pero para los personajes de ese libro, el río, su agua, es muy importante. Tal vez, su río no tenga la grandeza del mar y no sea tan venerado, pero para ellos es muy importante. Hay una canción que dice: “meu rio é mas mar que o mar”.*¹⁰²

O rio representa a riqueza da fronteira, mas muitas vezes algumas pessoas não a conseguem encontrar nas coisas simples e deixam a própria pátria para buscar fortuna em Montevideo, como a “Silvana” – «que se foi pra Montevideu/ istudiá pra maestra/ um día yo crusé con eya nel sentro/ ela me miró i yo levanté la maun pra saludá/ i eya deu volta la cara i se foi» (Severo, 2011: 88).

Mas, ignorar o passado não corresponde a maneira certa de se resgatar e isto o sabe muito bem Fabián Severo, o qual, num seu poema diz que “um homem sem memória é um poço cheio de terra”:

15

Yunto i isparramo recuerdo.

Un ombre seim memoria

e um poso yeio de tierra

um aljibe muerto de sé

vasío du ruido da agua (SEVERO, 2013: 29).

Ter lembranças significa saber de onde vimos, onde nascemos e crescemos, quem verdadeiramente somos:

Personalmente, no puedo olvidar de donde vengo, mi infancia humilde en un barrio humilde de Artigas, la casa por terminar, los vecinos casi siempre en la pobreza, esperando el milagro, los sonidos que escuchaba de mi madre o de mi abuela... Siento orgullo de haber nacido y vivido allí.

102 Nossa entrevista com o autor, do 27 março 2015.

*La frontera me dio una manera de pensar y sentir, de hablar, de crear. Soy de determinada forma porque viví lo que viví, si lo olvido, puedo correr el riesgo de no saber quién soy.*¹⁰³

Onde quer que vamos e qualquer coisa façamos, nunca poderemos cancelar o passado e esquecer-nos de onde viemos.

Por muitas pontes que cruzemos, sempre sentiremos saudade das nossas raízes.

31

*Tua terra vai cuntigo
por mas que tu cruse u puente
buscando otra sombra.
Ayá van tar te lembrando
con saudade de raís (Severo, 2013: 45).*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Obras do autor:

Severo, Fabián. 2011. *Noite Nu Norte/Noche En El Norte, Poesía de la Frontera*. Rumbo Editorial: Montevideo.

Severo, Fabián. 2013. *Viento De Nadie*. Rumbo Editorial: Montevideo.

Behares, Luis Ernesto. 2011. *Transliteraciones Fronterizas em Noite Nu Norte/Noche En El Norte*. p. 93-101. Rumbo Editorial: Montevideo.

Brovetto, Claudia. 2010. *Educación bilingüe de frontera y políticas lingüísticas en Uruguay*. «Pro-Posições». Vol. 21. n. 3. p. 25-43: Campinas.

Bueno, Wilson. 1992. *Mar Paraguayo*. Editora Iluminuras Ltda: São Paulo.

Cardoso, Elis de Almeida. 2010. *Cruzamentos lexicais no discurso literário*. Puh «Estudos Linguísticos». pp. 214-222: São Paulo.

Carvalho, Ana Maria. 2003. *Rumo a uma definição do português uruguaio*. «Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana. Vol. 1. n. 2. pp. 125-149.

De Souza, Regina Maria; De Carvalho, Alexandre Filordi. 2010. *O que ou quem eu sou, afinal de contas? Sou brasileiro ou uruguaio, professor?.* «Pro-Posições». Vol. 21. n. 3 (63). pp. 97-115: Campinas.

Etchemendi, Javier. 2011. *Un lugar en donde el agua no toca la tierra em Noite Nu Norte/Noche En El Norte*. Rumbo Editorial: Montevideo.

103 Nossa entrevista com o autor, do 27 março 2015.

García, Fernández M. J. 2006. *Portuñol y literatura*. «Revista de Estudios Extremeños». Vol. 62. n. 2. p. 555-577.

Gonçalves, Dania Pinto. 2013. *O falar dos comerciantes brasileiros na fronteira de Jaguarão-Río Branco*: Pelotas.

Grillo, Rosa Maria. 1994. *El portuñol. De espacio fronterizo a espacio literario*. «Fundación». n. 2. p. 20-37: Montevideo.

Mota, Sara Dos Santos. 2014. *Portunhol e sua re-territorialização na/pela escrit(ur)a literária: os sentidos de um gesto político*. Universidade Federal de Santa Maria (RS): Santa Maria.

Peyrou, Rosario. 2011. *La frontera norte en el imaginario cultural*. «Revista uruguaya de Psicoanálisis». pp. 156-167.

Retamar, Hugo Jesús Correa; Risso, Claudia Stella. 2011. *La frontera entre Uruguay y Brasil y la realidad del español en comunidades fronterizas*. «Cadernos de Aplicação». Vol. 24. n. 1. p. 95-105: Porto Alegre.

Rizzon, Carlos Garcia. 2013. *Palimpsesto da paisagem em território fronteiriço, XXVII Simpósio Nacional de História – Conhecimento histórico e diálogo social*. Universidade Federal do Rio Grande do Norte: Natal.

Sturza, Eliana Rosa. 2004. *Fronteiras e práticas lingüísticas: um olhar sobre o portunhol*. «Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana». Vol. 2. n. 1. pp. 151-160.

Sturza, Eliana Rosa. 2006. *Línguas de fronteiras e política de línguas: uma história das idéias lingüísticas*: Campinas.

